

Polo metal-mecânico de Sobral vira realidade

PORTAL FIEC ONLINE - Depois da sedimentação do polo têxtil com a Grendene e da consolidação do polo universitário (Campus da UFC e UVA), o Polo metal-mecânico de Sobral tornou-se realidade. O prefeito Clodoveu Arruda (PT) informa que empresas começaram a solicitar implantação no espaço já criado. “Na área econômica do município, estou dando destaque à atração de novas empresas que já procuraram o município e acertaram as suas instalações”, comenta.

A montadora de ônibus Max Buss e a Rodomundi, que produz implementos rodoviários como caminhões para Corpos de Bombeiros, compactadores e caçambas, são duas das empresas que já pediram licença para se instalar no polo, “que está no início, mas já existe um fato para ser comemorado”, ressalta Clodoveu.

O prefeito prevê que em dezembro essas empresas já começam a adaptar as áreas para a instalação de suas unidades de produção. Ele está contando com o apoio do governador Cid Gomes (PSB) e espera consolidar tudo em 2012. O polo está localizado em uma área onde existe um conjunto de galpões desocupados. Isso, segundo ele, vai antecipar o cronograma de montagem dessas novas empresas.

Minério de ferro dá o tom no balanço da CSN

VALOR ECONOMICO (IVO RIBEIRO /DUARDO LAGUNA) - O balanço da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) no terceiro trimestre do ano mostrou que a empresa comandada pelo empresário Benjamin Steinbruch vem ganhando dinheiro de fato é com a mineração de ferro, e quase nada com aço. O Ebitda (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização) obtido com o negócio de mineração no terceiro trimestre respondeu por 59% do total de R\$ 1,7 bilhão.

Essa linha do resultado da companhia saltou de R\$ 831 milhões no mesmo trimestre de 2010 para R\$ 1,04 bilhão no fim de setembro, com margem de 66%. Enquanto isso, a atividade siderúrgica despenca a cada trimestre: no mesmo período saiu de R\$ 957 milhões para R\$ 596 milhões, com margem Ebitda de 26%.

Na receita líquida, a siderurgia ainda se manteve preponderante, com R\$ 2,3 bilhões (53% do total), resultado da venda de 1,22 milhão de toneladas de aço produzido na usina de Volta Redonda (RJ). Porém, exibiu uma retração expressiva frente aos R\$ 2,5 bilhões do mesmo trimestre de 2010 e do segundo trimestre deste ano.

A mineração de ferro, com as operações da mina Casa de Pedra (100% CSN) e da controlada Namisa (60%), alcançou R\$ 1,58 bilhão, o que representou 36,4% do total da receita. Um ano atrás, esse negócio faturava R\$ 1,2 bilhão.

Todos os esforços da CSN nos últimos anos têm sido direcionados à mineração de ferro, com investimento pesado na expansão da mina Casa de Pedra, que está apta a produzir 40 milhões de toneladas. Também no porto de Sepetiba, que é a base de exportação. De julho a setembro, da venda de 8 milhões de toneladas, 96% foram embarcadas ao mercado externo, principalmente a Ásia. China, Japão e Coreia do Sul são os principais clientes.

No negócio aço, a companhia, como outras do setor, enfrenta a concorrência do importado no mercado doméstico, tanto de forma direta quanto indireta (via produtos acabados, como automóveis e máquinas e equipamentos). No caso da CSN, o ataque maior tem sido em aços mais nobres, como os galvanizados e pré-pintados.

A margem Ebitda dessa unidade de negócio caiu para 26%, três pontos percentuais a menos que no trimestre anterior. Isso não leva em conta que o minério é computado a preço de custo, por ser próprio. Se fosse a valor de mercado, a margem ficaria entre 12% e 15%, segundo analistas. Na mineração, houve também leve retração na margem, para 66% (foi 68% de abril a junho).

Os outros três negócios da CSN - logística (de portos e ferroviária), cimento e energia - responderam por 10,7% da receita líquida e por 7,7% do Ebitda da companhia no terceiro trimestre.

Na sequência da divulgação dos resultados, a direção da CSN traçou na sexta-feira um cenário de estabilidade em preços e vendas nos próximos meses, com recuperação mais consistente dos negócios a partir do início de 2012.

Para o próximo ano, as projeções da empresa apontam para vendas de produtos siderúrgicos na faixa de 5 milhões a 5,3 milhões de toneladas, além de embarques de minério de ferro ao redor de 33 milhões de toneladas, dando sequência à renovação de recordes pela operação de mineração do grupo.

Mesmo com a desvalorização do minério de ferro no mercado chinês - que pode desencadear um novo movimento de baixa no preço internacional do aço, na busca das siderúrgicas por competitividade -, a CSN informou que não visualiza o risco de contração nos valores de seus produtos.

Luiz Fernando Martinez, diretor comercial da empresa, disse que o preço já está "no chão". Ele disse, contudo, que não acredita em aumento de preços, dada a prioridade das siderúrgicas de bloquear a entrada de aço importado. Assim, a tendência é que os valores sigam nos patamares atuais.

CSN vê venda de minério de ferro e aço crescer em 2012

Apesar da crise mundial, empresa acredita que resultados devem subir no próximo ano



SINDICATO DAS INDÚSTRIAS
METALÚRGICAS MECÂNICAS
E DE MATERIAL ELÉTRICO
NO ESTADO DO CEARÁ

SIMEC

NOTÍCIAS

Clipping de
Notícias do
Setor Metal
Mecânico
no Ceará



A CSN acredita que está pronta para enfrentar um mercado mais fraco caso a situação mundial piore

REUTERS - A CSN, siderúrgica mais rentável do Brasil, espera vender mais minério de ferro e aço no próximo ano, disseram executivos nesta sexta-feira, em um sinal de que estão menos preocupados do que os investidores sobre o risco de recessão global.

Mesmo em um cenário ainda desafiador, a empresa poderá vender cerca de 33 milhões de toneladas de minério de ferro no próximo ano, cerca de 6,4 por cento a mais do que a meta de 31 milhões de toneladas para 2011, disse o diretor da divisão de mineração no grupo siderúrgico, Daniel Santos, em uma teleconferência.

As vendas de aços planos e outros produtos de aço podem chegar a pelo menos 5 milhões de toneladas a 5,2 milhões de toneladas, em comparação com a meta de 5 milhões de toneladas deste ano, disse o diretor da divisão de aço, Luiz Fernando Martinez.

A empresa, que ainda está discutindo as metas de produção e vendas para o próximo ano, permanece cautelosa sobre a perspectiva para a mineração mundial e os mercados de aço, mas disse que está preparada para enfrentar um mercado fraco.

"É muito cedo para avaliar o impacto sobre o que está acontecendo (com minério de ferro) em todo o mundo, e como isso pode afetar o nosso negócio", disse o diretor de Relações com Investidores, David Salama.

A maior parte dos 1,097 bilhão de reais (630 milhões de dólares) de lucro do terceiro trimestre veio da mineração, o que denota a dependência da empresa das vendas de minério de ferro para produzir lucros.

"As estimativas deles para o próximo ano parecem muito otimistas", disse Pedro Galdi, chefe de pesquisa da SLW Corretora em São Paulo. "Há sérios riscos para o minério e para o aço nos próximos meses." As perspectivas para a siderurgia da CSN, no entanto, permanecem incertas, diante da pressão no custo de matérias-primas, a enxurrada de importações de aço barato da China e da Turquia e uma moeda volátil que afeta os custos.

Metal longa vida

VALOR ECONOMICO (RICARDO MEIRELES) - Qual a solução mais indicada no orçamento de uma grande obra? Pagar um pouco a mais e ficar livre de problemas de corrosão nos próximos 50 anos ou economizar nos custos iniciais, mas em dez anos gastar em manutenção quase o preço da obra? Técnica aplicada com sucesso na Europa, Ásia e Estados Unidos, a galvanização - revestimento do aço ou do ferro com zinco para combate à corrosão - busca despertar no Brasil a devida atenção entre órgãos públicos, engenheiros e arquitetos. O tema foi amplamente discutido nos dias 25 e 26 de outubro em São Paulo, durante o Congresso Brasileiro de Galvanização (GalvaBrasil 2011), promovido pelo Instituto de Metais Não Ferrosos (ICZ).

Estudos internacionais mostram que os gastos na manutenção de obras e produtos com corrosão representam 4% do PIB das nações industrializadas, percentual que pode ser maior em países emergentes, principalmente naqueles que não contam com legislação específica a respeito.

Em 2010, a produção brasileira de aço bruto alcançou 32,8 milhões de toneladas, um crescimento de 23,8% em relação a 2009. Segundo o ICZ, apenas 8,5% desse total recebe algum tratamento anticorrosivo. Desses, 75% levam pintura com tintas especiais e 25% são galvanizados por meio de imersão em cubas de zinco quente.

Não está contabilizada a produção de aço inox - revestimento anticorrosivo que utiliza cromo em vez do zinco -, um concorrente do aço galvanizado, mas com preço final bem superior e aplicação recomendada para casos específicos, como em plataformas marítimas.

"Hoje, precisamos pensar os custos de forma global, projetando todo o ciclo de vida de um projeto e não apenas a fase inicial", diz Ricardo Suplicy Goes, gerente-executivo do ICZ. "Infelizmente, alguns empresários e governos consideram o menor preço na hora do orçamento e se esquecem que a repintura e a manutenção vão futuramente encarecer as obras e onerar os cofres públicos", afirma.

O que se observa no Brasil, onde as estatísticas sobre o processo são escassas, é que o uso da galvanização é mais intenso em concessionárias de serviços públicos e operadoras de telefonia móvel, que possuem responsabilidades a longo prazo sobre a manutenção de equipamentos. Onde a construtora tem responsabilidade média de cinco anos, o uso da galvanização é menor.

O tratamento anticorrosivo com galvanização é recomendado sobretudo em regiões litorâneas por causa do clima. Uma peça galvanizada, que em São Paulo teria vida útil de 73 anos, não resistiria a 41 anos em Ubatuba, no litoral.

O mercado brasileiro de galvanizadores possui dois grupos distintos. No campo dos peso-pesados, estão siderúrgicas como Votorantim Metais, Gerdau, Arcelor Mittal e Usiminas, que produzem aços galvanizados planos e não planos e que contam com fornos e cubas em suas próprias instalações. E há aquelas que possuem plantas específicas para galvanização, sendo que cerca de 90% estão concentradas próximas a regiões industriais nos Estados do Sul e do Sudeste.

Segundo dados do ICZ, a produção atual é de 600 mil toneladas de materiais galvanizados (vergalhões, perfis metálicos, placas e postes), com crescimento previsto de 15% para o próximo ano. Segundo Eduardo Silvino Gomes, vice-presidente do ICZ, a capacidade atual deve crescer 50% até 2015 em função dos investimentos do setor, estimados em até R\$ 100 milhões na construção de novas plantas.

Outros investimentos estão previstos por parte dos grandes grupos, caso da Arcelor Mittal, em São Francisco do Sul (SC), e da Usiminas, que em março inaugurou uma nova planta de aços galvanizados, em Ipatinga (MG), voltada para atender a indústria automobilística, que ao lado do setor de construção civil responde pela maior parte da produção.

O valor anunciado do investimento foi de R\$ 914 milhões. Com a inauguração de novas plantas, Gomes espera uma redução na importação de chapas de aço plano galvanizado, fenômeno que ocorreu a partir do segundo semestre de 2009 e em 2010, face o crescimento acima das expectativas da produção automobilística e da indústria de linha branca, que culminou em pedidos para a China.

Os megaeventos esportivos programados para os próximos anos no Brasil animam os empresários do setor. Segundo Gomes, as obras para a Copa do Mundo de 2014 devem exigir 1,5 milhão de toneladas de aço enquanto que para os Jogos Olímpicos do Rio a expectativa é de que haja demanda de 3,5 milhões de toneladas.

Nos próximos meses, a galvanizadora chilena bbosch, líder no Chile com 60% do mercado de galvanizados, deverá inaugurar a sua segunda unidade no Brasil, na cidade de Farroupilha (RS), onde foram investidos US\$ 16 milhões. A única filial da bbosch no Brasil está em Jundiaí (SP), onde possui uma cuba (recipiente onde a peça recebe o banho de zinco) com 13 metros de comprimento, considerada entre as maiores do mundo, com capacidade para 450 toneladas de zinco. Até 2016, estão previstas duas novas plantas no país, segundo Luis Gallegos, diretor regional.

No primeiro semestre, a galvanizadora pernambucana Galvanisa inaugurou, em Carpina (PE), uma nova cuba, fruto de investimentos de R\$ 10 milhões.

A história da galvanização a fogo teve início em 1741, quando o químico francês Melouin descobriu as propriedades anticorrosivas do zinco. Com o passar dos anos, desenvolveu-se o método de imersão do aço em tanques de zinco a uma temperatura de 450° C, popularizando a técnica denominada galvanização por imersão a quente, usada no setor até hoje. Uma das principais vantagens, além da durabilidade, é o curto tempo de preparo da peça.

Em uma galvanizadora, o primeiro passo é promover o desengraxe para a retirada de óleos e graxas; em seguida, há a aplicação de solução decapante para a remoção dos óxidos metálicos; depois, é feito o enxague e a secagem e posteriormente é aplicado um banho de sais para reduzir a

tensão superficial entre o aço e o zinco. Finalmente, a peça é mergulhada no tanque de zinco e imediatamente retirada para secagem. Tudo isso não exige mais do que uma hora.

Inaugurado em 2008, o prédio da Fundação Iberê Camargo, em Porto Alegre, recebeu vergalhões galvanizados em sua estrutura de concreto branco por ordem de seu projetista, o arquiteto português Álvaro Siza. O projeto rendeu-lhe o Leão de Ouro na Bienal de Arquitetura de Veneza.

Mercado no país ainda é bastante fragmentado

VALOR ECONOMICO - A Trifer Indústria Metalúrgica Ltda. possui duas plantas industriais em Guarulhos, na Grande São Paulo. A terceira foi erguida em Santo Agostinho, em Pernambuco, e começou a operar há 90 dias. Os investimentos somaram R\$ 10 milhões e a capacidade instalada mensal é de duas mil toneladas. Juntas, as três unidades galvanizam cerca de quatro mil toneladas mensais. A Trifer é uma das 35 empresas que formam o mercado ainda incipiente da galvanização no país, com enorme margem de espaço para crescer. Pouco mais de 10% do aço brasileiro é galvanizado.

"Trata-se de um mercado ainda bastante fragmentado, uma indústria que ainda não se organizou de forma que o bolo cresça para todos. A produção anual de aço é de 30 milhões de toneladas ano e apenas 3,5 milhões de toneladas são galvanizados", explica Eduardo Perez, do Instituto de Metais Não Ferrosos (ICZ) e gerente de marketing e planejamento da Votorantim Metais.

Cerca de 600 mil toneladas são destinadas à galvanização geral e as outras 2,9 milhões à galvanização de aços planos.

Com previsão de crescimento da ordem de 14% neste ano, Peres conta que o volume contrasta com os números apresentados por países europeus e também americanos em consumo per capita e volume de produção. "A maior empresa americana de galvanização instalada nos Estados Unidos possui 60 cubas de galvanização, enquanto no Brasil a Trifer, considerada de grande porte, possui apenas três, ou seja, uma em cada unidade", observa o gerente. Para se ter uma ideia, o consumo per capita de aço galvanizado em alguns países da Europa chega a mais de 15 quilos/ano.

"No Brasil se excluirmos o setor de torres de eletrificação e o setor de chapas galvanizadas, o consumo per capita fica entre 1,5 e 2 quilos por ano. Existe um espaço enorme para a galvanização crescer no Brasil e é o que está ocorrendo agora", acrescenta Eduardo Silvino P. Gomes, vice-presidente do ICZ.

Para Eduardo Perez, a única forma de estimular o incremento do setor é acelerar o processo de investimento. "Para crescer o consumo de aço galvanizado no Brasil é necessário que a oferta aumente. Hoje são empresas familiares que operam com 90% da capacidade instalada e não estão dispostas a investir", afirma. Apesar de ainda tímidos, pipocam aportes financeiros no ramo.

"Há investimentos em novas plantas de galvanização com reflexos em diversos setores da indústria e da construção. O crescimento da galvanização geral, cuja produção anual é de 600 mil toneladas operando com 90% da capacidade instalada, deverá crescer entre 12% e 15% no próximo ano. Os investimentos devem somar cerca de R\$ 100 milhões em novas plantas", prevê o vice-presidente do Instituto. A capacidade instalada deverá ter um salto. "O aumento previsto é de 50% até 2015 em galvanização geral. Na área de galvanização de aços planos os investimentos são pesados", acrescenta Gomes.

A Usiminas desembolsou R\$ 914 milhões em uma nova linha de galvanização na planta de Ipatinga (MG), e elevou, desde o mês de maio, a capacidade de produção anual de aço galvanizado por imersão quente em 550 toneladas, dobrando a capacidade produtiva. "O Brasil levará mais de uma década para se aproximar do consumo europeu. O Chile tem um consumo de aço galvanizado de sete quilos per capita/ano", ressalta o vice-presidente da entidade. Os custos com mão de obra estão cada vez mais altos no Brasil e os gastos com manutenção de estrutura e repintura passam a ser um componente cada vez mais importante dentro da análise de custos de um projeto, estimulando o uso do aço galvanizado.

Sustentabilidade é diferencial para a adoção do processo

VALOR ECONOMICO - O esforço para que o Brasil ingresse na era do aço galvanizado na construção de grandes obras públicas ou simples prédios de moradia tem um argumento irrefutável: o metal é sustentável. O Tratado de Kyoto defende uma maior durabilidade do aço no âmbito das medidas preventivas para o controle da poluição. O aço já é 100% reciclável. Se for galvanizado para proteger da corrosão tem a vida útil prolongada e poupa recursos naturais que seriam desperdiçados em obras de manutenção. O zinco utilizado na galvanização tem 30% de seu consumo no mundo proveniente de fontes recicladas.

O ferro, matéria-prima a partir da qual é produzido o aço, é um dos elementos mais abundantes no planeta e não emite substâncias agressivas ao ambiente. Sua produção, argumentam os defensores da tecnologia, é racional em consumo de energia e, além disso, provoca baixa ou nenhuma emissão de CO2 nos processos siderúrgicos mais modernos.

O uso do aço na construção reduz o impacto ambiental nos canteiros de obras e economiza recursos naturais porque não exige fundações tão profundas. Em prédios feitos com a tecnologia "steel frame", com estruturas de aço galvanizado e revestimento de gesso acartonado, permite economia de água e canteiros de obras mais limpos, segundo avaliação de especialistas.

A estimativa é de que uma edificação feita em aço em comparação a uma feita em concreto resulta em uma redução de 41% no consumo de água durante a construção. A construção em aço também faz cair pela metade o movimento de caminhões na obra e o volume de entulho, segundo especialistas. Ao longo da vida útil da edificação, o aço possibilita economia significativa de energia, facilidade de manutenção e adaptabilidade.

"O aumento da vida útil do aço faz com que se empregue menos energia em qualquer estrutura de construção", diz o engenheiro metalúrgico Ulysses Barbosa Nunes, vice-presidente da Associação Brasileira de Construção Metálica (ABCEN) e membro do Conselho Consultivo do Instituto de Metais Não Ferrosos (ICZ). "Num país como o Brasil, em que o governo é o grande comprador de aço porque as obras de infraestrutura são sempre feitas com recursos públicos, seria importante uma política governamental em busca da sustentabilidade. Na Itália isso foi feito com sucesso para baratear os gastos governamentais na construção e manutenção das obras."

A galvanização é um processo ainda pouco utilizado no Brasil. O consumo de zinco no país é baixo - apenas 1,6 quilo por habitante. Na Europa chega a ser de seis quilos por pessoa. Segundo os especialistas, além da falta de uma política pública, também há o desconhecimento e o fato de a indústria de galvanização ainda ser nova no país.

"A malha de atendimento só agora está aumentando e existe a perspectiva de implantação de mais cinco plantas de galvanização nos próximos dois anos", afirma Ulysses Barbosa Nunes, da ABCEM. "Uma estrutura galvanizada em um ambiente marinho garante uma durabilidade de dez anos sem manutenção. A mesma estrutura com pintura precisaria de três a quatro manutenções durante esse tempo."

"Os novos projetos contemplam essas preocupações com a durabilidade e a sustentabilidade", diz Marcelo Schultz, engenheiro de Corrosão da Petrobras e um dos palestrantes do GalvaBrasil, congresso realizado semana passada em São Paulo. "Medidas estão sendo tomadas para minimizar os problemas da corrosão com o uso de aço inoxidável, do aço carbono puro ou metalizado e de materiais não metálicos, mas a indústria siderúrgica precisa trabalhar mais próxima às empresas que demandam mais, como Petrobras e Vale. A gente não está participando do desenvolvimento da tecnologia de galvanização" avalia.

"O custo da corrosão é muito pesado para os países e também para a natureza", afirma a professora Zehbour Panossian, responsável pelo Laboratório de Corrosão e Proteção de Metais do Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo (IPT). "Consegue-se reduzir esse prejuízo em 20% a 30% com as medidas preventivas corretas", afirma.

Um bom exemplo recente, segundo a professora do IPT, está na indústria automobilística. Desde os anos 90, as fábricas de automóveis instaladas no país têm aplicado uma camada de tinta sobre o aço zincado das carrocerias - chamado de sistema duplêx.

Até então, a resistência das partes de um carro mais expostas à corrosão era muito precária e muitos veículos eram mandados para o ferro-velho com o motor ainda em bom estado. A aplicação de duplêx e a melhoria da qualidade da tinta hoje provocam um resultado inverso.

"A carcaça agora dura mais que o motor", afirma Zehbour Panossian, do IPT. "No caso de construção civil o aço galvanizado não é muito usado. O pessoal da engenharia civil enfoca a melhoria do concreto, mas não da durabilidade da obra. Não sei se é uma questão política ou cultural. Aqui no Brasil espera-se que uma obra dure de 30 a 40 anos. Em outros países elas são feitas para durar cem anos."